

A história oral nos estudos de jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas

Oral history in journalism studies:
some theoretical-methodological considerations

Ana Paula Goulart Ribeiro

goulartap@gmail.com

Professora da Escola de Comunicação e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – (UFRJ).



Ao citar este artigo, utilize a seguinte referência bibliográfica

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A história oral nos estudos de jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas. In: Revista Contracampo, v. 32, n. 2, ed. abril-julho ano 2015. Niterói: Contracampo, 2015. Págs: 73-90.

DOI: 10.5327/Z22382577201500320668

Enviado em: 19 jun. de 2014

Aceito em: 30 de abr. de 2015

Edição 32/2015
Comunicação e Materialidades

Contracampo

Niterói (RJ), v. 32, n. 2, abr-jul/2015

www.uff.br/contracampo

e-ISSN 2238-2577

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

Resumo

Apesar da popularização da história oral nos estudos históricos no Brasil e no exterior, ainda é fraca a sua utilização no campo da comunicação social. Este artigo se propõe a discutir o uso da história oral nos estudos sobre mídia, especialmente naqueles que tomam o jornalismo como objeto. A ideia é pensar nas suas potencialidades e discutir as etapas e os processos que envolvem o desenvolvimento de pesquisas nessa área. É importante considerar que a coleta de fontes orais é apenas um momento de qualquer investigação, que pressupõe necessariamente o cruzamento com outros aportes teóricos e também metodológicos.

Palavras-chave: história oral; jornalismo; metodologia.

Abstract

Despite the popularization of oral history in Brazil and abroad, its use in social communication studies is still weak. This article aims to discuss the use of oral history in studies on media, especially those which take journalism as object. The idea is to discuss the processes that involve the research in this area. It is important to consider that the collection of oral sources is only a moment of any investigation, which necessarily presupposes the crossing with other theoretical and methodological contributions.

Keywords: oral history; journalism; methodology.

Apesar da forte institucionalização e grande popularização da história oral nos estudos históricos no Brasil e no exterior, ainda é fraca a sua utilização no campo da comunicação social. Este artigo se propõe justamente a discutir o uso da história oral nos estudos sobre mídia, especialmente naqueles que enfatizam o jornalismo como objeto. A ideia é pensar nas suas potencialidades e discutir as etapas e os processos que envolvem o desenvolvimento de pesquisas nessa área, tendo em vista que a coleta de fontes orais é apenas um momento de qualquer investigação, que pressupõe necessariamente o cruzamento com outros aportes teóricos e também metodológicos.

É importante chamar atenção para o fato de que se a história oral é uma metodologia que produz (ou fabrica) um conjunto de fontes pode servir como referência para os mais diversos trabalhos sobre a história da mídia e do jornalismo. A pesquisa, neste caso, não se caracteriza pela coleta de dados ou informações guardadas ou acumuladas por um terceiro (indivíduo, grupo ou instituição). Pressupõe o ato criador dessa fonte pelo próprio pesquisador.

São muitos os usos que a pesquisa em jornalismo pode fazer dos relatos recolhidos (na realidade, produzidos) por meio da história oral. As entrevistas podem ser extremamente úteis na obtenção de dados sobre o passado inexistentes em arquivos e em documentos de outra natureza, como os escritos, os iconográficos e os audiovisuais. Os depoimentos ajudam a recuperar informações sobre fatos e processos que só podem ser conhecidos pela narrativa daqueles que os viveram diretamente ou daqueles que os presenciaram de alguma maneira.

Os depoimentos são uma fonte importante para a compreensão do passado do jornalismo numa diversidade de aspectos: sociais, culturais, econômicos, estéticos, tecnológicos, discursivos, editoriais e políticos. Mas não podem, obviamente, ser encarados como índices absolutos da verdade. Deve-se levar em conta o trabalho da linguagem e de enquadramento da memória realizado pelos entrevistados, no caso os jornalistas. Ao usar essa metodologia, é importante ter clareza de que, mais importante do que o factual, é o significado que ele adquire para quem lembra. Nesse sentido, os depoimentos têm validade na medida em que remetam para uma multiplicidade de experiências.

Cultura da memória e valorização da história de vida

Antes de tratar das questões teóricas e metodológicas propriamente ditas relativas à produção de fontes orais nos estudos de jornalismo, fazem-se necessárias algumas breves considerações sobre o contexto cultural mais amplo no qual esses estudos se desenvolvem. Esse contexto é marcado pela valorização da memória, sobretudo daquela relacionada a histórias de vida.

Muitos autores, como Nora (1984), Colombo (1991), Candau (1998), Sarlo (2007) e, especialmente, Huyssen (2000), têm chamado atenção para o fato de que vivemos hoje imersos numa cultura da memória. No mundo atual, marcado pelo terror do esquecimento, a memória emerge quase como um dever ou obsessão. Isso é facilmente observado em vários espaços sociais em que as referências ao passado são, muitas vezes, marcadas pelo exagero e pelo excesso. As pessoas tornaram-se ávidas por consumir produtos memorialísticos: filmes, livros, exposições, vestuário e mobiliário retrô. O passado exerce forte apelo sobre os indivíduos e se impõe como um imperativo: é preciso preservá-lo, resgatá-lo, não deixar que se perca. Isso tem feito dele, cada vez mais, uma fonte lucrativa para a indústria da cultura e do entretenimento (RIBEIRO, FREIRE FILHO e HERSCHMANN, 2012).

Em relação ao mercado editorial, as biografias e outras publicações de cunho memorialista (como coletânea de cartas, diários íntimos e livros de memórias) constituem um filão muito bem-sucedido. No Brasil, a venda de publicações desse gênero cresceu muito nas últimas décadas, como demonstrou Rondelli e Herschmann (2003) e Gomes (2004). Esse fenômeno, que também ocorre em vários outros países, tem a ver com a valorização das lembranças individuais, da biografia, do relato pessoal e do papel do sujeito na história (DOSSE, 2009). E não é mais apenas a vida das grandes personalidades ou celebridades que se leva em conta. Qualquer indivíduo pode ser foco de atenção. No contexto contemporâneo, o enfraquecimento das chamadas “grandes narrativas”, organizadoras da coesão social, levou a uma regressão das memórias fortes, totalizadoras, em proveito de memórias múltiplas, fragmentadas. A falta de um princípio explicativo único promoveu todo objeto, toda narrativa — a mais humilde e improvável — à dignidade de histórica ou memorável (RIBEIRO e LERNER, 2003).

Esse fenômeno tem dois aspectos complementares. Por um lado, existe o impulso da escrita (ou da fala, no caso da história oral); ou seja, uma enorme quantidade de pessoas reconhece que sua vida é uma história e busca externalizá-la para que ela se perpetue. Por outro, há um reconhecimento social da importância desse tipo de narrativa: existem pessoas dispostas a consumirem esses relatos, seja como pura fruição, seja como objeto de reflexão e de produção de conhecimento (RIBEIRO e LERNER, 2003). Isso se expressa no interesse mercadológico das editoras em publicar esses materiais, diante da enorme procura que eles apresentam, mas também por meio da grande legitimidade acadêmica e institucional que esse tipo de narrativa ganhou nas últimas décadas.

Na França, por exemplo, existe desde 1992 a Association pour l'Autobiographie et le Patrimoine Autobiographique (APA), que reúne um acervo de mais de dois mil textos autobiográficos. Criada por Chantal Chaveyriat-Dumoulin et Philippe Lejeune, a entidade é sediada em Ambérieu-en-Bugey, perto de Lyon. Os relatos — que estão acessíveis ao público na midiateca da cidade — apresentam em geral uma enorme variedade de tamanho, de tom e de conteúdo. Comportam diários pessoais, crônicas familiares e narrativas corriqueiras¹. Há outra associação francesa, chamada Vivre et L'écrire, de Orléans, que faz um trabalho similar, coletando diários íntimos de adolescentes².

Também no Brasil há instituições que visam registrar e arquivar histórias de vida, inclusive de “anônimos”. É o caso do Museu da Pessoa³, que recebe e disponibiliza pela Internet relatos autobiográficos e biográficos, além de realizar — usando sobretudo a história oral — projetos de pesquisa para indivíduos, famílias, empresas, comunidades e instituições. O seu acervo reúne cerca de 11 mil depoimentos em áudio, vídeo e escrito.

A valorização do relato de vida também pode ser constatada na ampla utilização que se tem feito da história oral em projetos de memória institucionais e empresariais. É o caso do Memória da Petrobras⁴, do Memória Globo⁵, do Memória Votorantim⁶ e do Centro de Memória Bunge⁷, entre muitos outros. Em relação ao tema deste artigo, vale destacar o Centro de Memória e Cultura do Jornalismo Brasileiro⁸, uma iniciativa do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro, que tem como objetivo a preservação e o registro da história da imprensa brasileira.

É interessante observar que, na maioria desses projetos aqui citados, ao lado das personalidades e grandes lideranças, também são colhidos relatos de profissionais “comuns”, que testemunharam os fatos e os processos de diferentes perspectivas.

¹ Association Pour l'Autobiographie et le Patrimoine Autobiographique. Disponível em: <http://autobiographie.sitapa.org>.

² Vivre & l'Écrine. Site officiel de La Federacion. Disponível em: <http://vivreetlecrire.fr>.

³ Museu da Pessoa. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net>.

⁴ Memória Petrobras. Disponível em: <http://memoria.petrobras.com.br>.

⁵ Memória Globo. Disponível em: www.memoriaglobo.com.br.

⁶ Memória Votorantim. Disponível em: <http://www.memoriavotorantim.com.br>.

⁷ Centro de Memória Bunge. Disponível em: <http://www.fundacaobunge.org.br/projetos/centro-de-memoria-bunge>.

⁸ Centro de Memória e Cultura do Jornalismo Brasileiro. Disponível em: <http://www.ccmj.org.br/sobre-o-centro>.

Metodologia: algumas considerações

Existem várias metodologias de história oral. Uma das mais interessantes para os estudos de comunicação — particularmente para os de jornalismo — é justamente a baseada em histórias de vida. Essa forma de trabalhar com depoimentos orais é bastante consolidada no Brasil e já há muitos anos é utilizada pelo CPDOC/FGV (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas)⁹, pelo Museu da Pessoa, pelo Memória Globo e por outras instituições.

A história de vida procura dar conta da trajetória do entrevistado desde a infância e adolescência até o momento presente. Essa trajetória, no entanto, é constantemente considerada a partir das conjunturas políticas, socioeconômicas e culturais nas quais está inserida. O objetivo é fazer um cruzamento entre biografia e história. Na realidade, a metodologia propõe o cruzamento de três níveis de contextualização: individual, institucional e macrossocial.

Tomando essa metodologia como ponto de partida, procuramos delinear, neste texto, uma série de critérios relacionados à escolha do entrevistado, à produção, à pesquisa, à elaboração do roteiro, à realização da entrevistas e ao tratamento dado aos depoimentos. Acreditamos que cada um desses elementos (que podem ser pensados como etapas da pesquisa) é importante para nortear o trabalho do pesquisador. É interessante destrinchar cada um deles para discutir algumas questões metodológicas (inclusive aspectos técnicos) que são determinantes para o resultado final do trabalho.

As informações e comentários que se seguem foram sistematizados a partir da minha experiência pessoal com a história oral, como coordenadora de alguns projetos nessa área¹⁰, e a partir da leitura de uma bibliografia sobre o assunto (ALBERTI, 1989, 1990 e 2004; FERREIRA e AMADO, 2006; FERREIRA, FERNANDES e ALBERTI, 2000; MORAES, 1994; e THOMPSON, 1998). Espero essas reflexões contribuam, de alguma forma, para estimular uma maior exploração desse vasto campo de pesquisa no interior dos estudos do jornalismo

⁹ FGV CPDOC. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br>. Acesso em março 2015.

¹⁰ Destaco os programas de história oral do Memória Globo (área da TV Globo que cuida da história da instituição desde 1999), o Memória do Movimento Estudantil (projeto desenvolvido numa parceria da UNE, do Museu da República e da Fundação Roberto Marinho entre os anos 2004 e 2007) e o Memória do Jornalismo Brasileiro (projeto que desenvolvo desde 2007 na Escola de Comunicação da UFRJ, com os alunos de graduação e pós-graduação – Ver site <http://memoriadojornalismo.com.br/index.php>).

A escolha do entrevistado

O primeiro passo na montagem de um programa de história oral é a escolha dos entrevistados. Em geral, o recomendável é buscar priorizar os mais velhos. No caso de pesquisas sobre jornalismo, devem-se buscar também pessoas que tenham exercido a profissão por um longo período de tempo e que, portanto, tenham mais histórias para contar.

Outro critério importante é o da diversidade. O interessante num programa de história oral é construir uma amostra o mais representativa possível do campo profissional. Por isso, deve-se procurar ouvir jornalistas que tenham trabalhado em diferentes órgãos da imprensa, tanto nas grandes empresas de comunicação (jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão) quanto na imprensa alternativa, na imprensa operária e outras mídias. A ideia é ouvir também profissionais dedicados a variadas áreas, tanto em termo de assuntos e editorias (política, economia, polícia, cultura, esporte, ciência, colunismo social etc.) quanto em termos de atividade (reportagem, redação, fotografia, charge e caricatura, edição, cinegrafia etc.). É importante escutar também pessoas ligadas a atividades associativas e sindicais. A multiplicidade de ângulos e visões daí proveniente pode ser muito enriquecedora.

O ideal é ouvir, ao lado das personalidades e grandes lideranças, profissionais ligados a ponta do processo produtivo e que possam testemunhar os fatos e os processos de diferentes perspectivas. É interessante também entrevistar pessoas que não são jornalistas, mas que atuam em áreas próximas do jornalismo e que acompanham a atividade indiretamente, como técnicos administrativos, gráficos, designers, engenheiros de telecomunicações e operadores de VT (videoteipe).

A produção das entrevistas

O trabalho de produção das entrevistas é uma dimensão da história oral muitas vezes menosprezada, porém é fundamental não só como ponto de partida do projeto mas também como elemento determinante do seu êxito. Definida uma primeira lista de nomes de profissionais a serem ouvidos, é preciso localizá-los: saber se essas pessoas ainda estão em atividade; se estão, onde trabalham; se não, onde moram; quem pode fornecer informação sobre elas. Enfim, é necessário um esforço para conseguir o contato do possível depoente: seja o telefone, o endereço residencial ou do trabalho, seja o *e-mail*.

O passo seguinte é entrar em contato com o profissional e fazer o convite para a entrevista. Antes de qualquer coisa, deve-se explicar o que é o projeto e quais são seus objetivos, assim como informar ao possível depoente sobre a dinâmica da entrevista. Em muitos casos, é preciso ter certa sensibilidade para realizar todo um trabalho de convencimento para romper resistências, inibições, constrangimentos ou mesmo alguma forma de descaso ou incompreensão em relação ao trabalho a ser realizado.

Pesquisa prévia

É necessário conhecer previamente a trajetória pessoal e profissional do futuro depoente para elaborar um roteiro de entrevista que permita ao pesquisador controlar, em alguma medida, aquilo que será narrado durante a entrevista. Por isso, antes de qualquer coisa, é preciso fazer uma pesquisa sobre a biografia do jornalista em questão. Podem ser utilizadas, para isso, fontes documentais de natureza variada, como livros, periódicos, *sites* etc.

Quando não há dados e informações sobre o depoente nas fontes de pesquisa convencionais disponíveis, é necessário realizar com ele uma pequena entrevista prévia. Essa entrevista — temática e focal — é relativamente curta e pode ser feita por *e-mail* ou mesmo por telefone.

Como o trabalho envolve três níveis de contextualização, depois de dispor dos dados biográficos do entrevistado, deve-se também pesquisar sobre marcos da história das instituições pelas quais o depoente passou e sobre sua produção nesses períodos. Isso inclui desde informações sobre mudanças administrativas e de gestão, transformações tecnológicas e estéticas, até dados sobre principais coberturas jornalísticas ou produtos lançados (um programa, uma edição especial, um caderno ou suplemento etc.). Da mesma maneira, é preciso ter disponíveis informações sobre as diferentes conjunturas e sobre os contextos históricos (políticos, econômicos e culturais) envolvidos.

Perfil biográfico e roteiro

Com as informações levantadas na pesquisa ou na entrevista temática, redigi-se um perfil biográfico do entrevistado. Trata-se de uma versão prévia, que depois deverá sofrer alterações

e constantes atualizações se o profissional ainda estiver na ativa. De qualquer forma, esse perfil inicial funciona como um texto-base, que serve de guia para a elaboração do roteiro da entrevista.

Quando se trabalha com história de vida, costuma-se começar o roteiro com perguntas sobre a família e formação sociocultural do entrevistado. Essas questões têm duplo objetivo. Primeiro, visam incorporar dados biográficos sobre o depoente que, de alguma forma, possam ajudar a entender a sua trajetória profissional. Algumas vezes, parte dessas informações o pesquisador já conseguiu levantar no momento da pesquisa, mas ainda assim vale a pena perguntar sobre elas. Não se trata de redundância, porque o depoente sempre pode acrescentar um dado novo ou pode recheiar a informação factual com elementos de sua vivência afetiva e emocional.

Em segundo lugar, as perguntas introdutórias são extremamente importantes para o sucesso da entrevista, porque permitem ambientar o entrevistado, deixá-lo mais relaxado, e permitir que ele adquira pontos de adesão, afetivos, para a construção da sua narrativa. Esse é um momento fundamental também para a construção de certo sentimento de confiança entre entrevistado e entrevistador. O depoente percebe que está ali para falar livremente sobre sua vida — que está sendo considerado no seu todo como relevante — e não apenas para fornecer dados específicos de interesse da pesquisa. É preciso saber valorizar e conduzir bem as perguntas iniciais, pois elas podem dar o tom do depoimento e serem decisivas na maneira como o entrevistado avalia seu entrevistador (ou entrevistadores).

Na estruturação do roteiro, recomenda-se seguir a ordem cronológica, porque a sequência linear quase sempre ajuda o entrevistado no trabalho de encadeamento e de enquadramento da sua memória. Mas essa não é uma regra rígida. Deve-se avaliar caso a caso. Além disso, a ordem cronológica pode ser conjugada a outra lógica, que é a de blocos temáticos (conjunto de perguntas que buscam destrinchar, detalhar, determinados assuntos).

Utilizamos muitas perguntas abertas, por meio das quais buscamos recuperar as experiências vividas e os diferentes modos de pensar e agir dos jornalistas envolvidos em diferentes acontecimentos. Procuramos também recuperar suas teias de relações pessoais ou político-institucionais, sejam relações de afinidade ou de rivalidade e oposição.

Para obtenção de informações de caráter mais pontual ou mesmo factual, também são incorporadas ao roteiro algumas perguntas mais fechadas, diretivas, temáticas. É claro que essas informações devem ser posteriormente checadas, confrontadas com outras fontes não orais e com outros depoimentos.

É bom não perder de vista que o passado é sempre lembrado de forma maleável, flexível, e pode mudar conforme o indivíduo reinterpreta e reexplica o que aconteceu. Além disso, o rememorar é sempre seletivo. Os entrevistados realçam certos aspectos do passado que julgam relevantes na ocasião da entrevista.

As condições da entrevista

As entrevistas podem ser registradas em áudio e, quando possível, em vídeo. Podem ser gravadas em estúdio, na casa do entrevistado, no seu local de trabalho ou em algum outro lugar por ele definido. Claro que cada uma dessas opções implica diferentes condições de realização da entrevista e lhe impõe dinâmicas também diferentes, às quais o entrevistador deverá saber se adaptar.

A opção pelo vídeo, por exemplo, significa ganhos inegáveis para o projeto, já que possibilita a incorporação no depoimento de um conjunto de elementos não verbais (gestualidade, expressões faciais, olhares etc.) extremamente úteis para a construção de sentido do relato de vida do entrevistado. Mas, ainda que hoje já haja no mercado câmeras com preços bastante acessíveis, o vídeo ainda encarece o projeto. Além disso, a sua utilização traz algumas dificuldades adicionais, pois exige cuidados técnicos e a montagem de uma estrutura de gravação, por mínima que seja.

Além do entrevistador (ou entrevistadores), passa a ser necessária também uma pessoa para operar a câmera, alguém que cuide também do áudio e do som. A imagem registrada em vídeo necessita também de tratamento posterior, o que significa a presença na equipe da pesquisa de alguém que seja minimamente familiarizado com técnicas de edição. É necessário também acesso a equipamentos de edição de imagens.

A realização da entrevista

Trabalhar com histórias de vida implica realizar entrevistas longas, bem maiores do que a entrevista temática ou a jornalística¹¹. Não há uma regra geral, pois a dinâmica da

¹¹ Sobre as diferenças entre as entrevistas na história oral e a entrevista jornalística, ver Rouchou (2003).

gravação varia muito conforme a eloquência do depoente, sua desinibição, sua capacidade de síntese etc. Em média, recomenda-se que a duração seja de duas horas e meia ou três horas. Se a entrevista excede muito esse tempo, nota-se uma queda no seu rendimento, pois as pessoas envolvidas (tanto entrevistado quanto entrevistadores) ficam cansadas. Nesse caso, é preferível dividir a entrevista em partes: marcar outro dia para continuar. Há jornalistas que, por sua trajetória, certamente merecem até três ou mais sessões.

O papel do entrevistador na história oral é o de mediador. A ideia é que ele faça poucas interrupções durante a entrevista, deixando o depoente seguir, na medida do possível, o transcurso do seu pensamento, com suas livres associações de ideias, com sua tentativa de encadear os fatos do passado de determinada forma. O entrevistado deve poder falar à vontade de episódios que lhe pareçam significativos, se deixando levar pelo fluxo da lembrança.

O próprio percurso realizado pelo entrevistado já é em si significativo e deve ser considerado no momento da análise do depoimento. Faz parte do trabalho de interpretação do pesquisador que utiliza fontes orais perceber e tentar entender porque o entrevistado seguiu determinada ordem de pensamento e porque fez certas associações entre fatos ou pessoas. Da mesma forma, são significativas pausas e hesitações ou o contrário, momentos de excitação e aceleração.

No entanto, se é desejável que o entrevistador intervenha pouco, é bom lembrar que o seu papel não deve ser o de um mero ouvinte passivo. Algumas vezes, ele precisa interferir no discurso do entrevistado, apontando deficiências de explicação e incoerências, sejam internas ou externas à narrativa. Além disso, o entrevistador pode propor questões que pertencem ao seu próprio universo de problemas e orientar a entrevista para dar ênfase a determinados temas ou para recuperar informações que julgue importantes.

É preciso considerar que o pesquisador tem que lidar com um conjunto de elementos imponderáveis durante a realização da entrevista. Muitas vezes, é necessário ter sensibilidade para saber como agir em situações delicadas, como momento de emoção, por exemplo. Exatamente pela metodologia utilizada (história de vida) e pela forma de condução da entrevista (que dura período longo de tempo), os entrevistados facilmente são levados a uma certa “viagem no tempo” que, muitas vezes, mexe com elementos sensíveis da sua experiência não só profissional mas mesmo existencial. Há entrevistados que se mantêm relativamente distantes em relação aos fatos que narram, mas alguns

chegam a realizar uma verdadeira “catarse”. É comum pessoas relatarem que saíram tontas, desnorteadas da entrevista.

Podem também ocorrer momentos de tensão durante a gravação. O depoente pode resistir em falar sobre determinado assunto, seja por medo, tabu ou qualquer outro motivo pessoal, político ou institucional. Cabe ao pesquisador esclarecer que o depoente deve se sentir absolutamente à vontade para falar ou não sobre os temas abordados.

Outra questão que deve ser considerada — e que, em minha opinião, é uma das mais difíceis quando se lida com jornalistas — é a das memórias cristalizadas. Muitos profissionais da imprensa — pelo lugar de destaque que ocuparam ou que ocupam em alguns meios de comunicação — estão acostumados a falar sobre determinado assunto e já construíram versões mais ou menos fechadas sobre alguns fatos. Alberto Dines, por exemplo, já deu inúmeros depoimentos ao longo das últimas cinco décadas, seja para órgãos de comunicação, seja para pesquisas acadêmicas, sobre a famosa reforma do “Jornal do Brasil”. Se compararmos seus vários depoimentos, podemos perceber que, apesar de diversas diferenças nos detalhes relativos a pessoas e situações, suas narrativas seguem quase todas uma estrutura bastante semelhante. O jornalista foi aos poucos elaborando sua versão sobre o fato, que ganhou com o tempo certa estabilidade.

Por tudo isso, apesar de a entrevista seguir um roteiro previamente definido, há uma mudança grande na hora da sua realização. O pesquisador possui flexibilidade para integrar novos temas que surgirem a partir da fala do depoente. Se parecer mais conveniente, pode também mudar a ordem das perguntas e enfatizar alguns aspectos e assuntos em detrimento de outros ou, ainda, eliminar temas e perguntas previstas. Aliás, essas alterações no roteiro são sempre necessárias e se impõem pelas próprias condições específicas das entrevistas. Muitas vezes, o entrevistado antecipa perguntas, obrigando a pesquisador a se adaptar a nova situação.

É importante lembrar que, ao término da entrevista, o depoente deve assinar um termo de autorização do uso da sua entrevista, assim como de sua imagem. Esse termo deve prever a utilização da entrevista em mídias que ainda podem vir a ser inventadas. Em geral, o termo de autorização é previamente enviado ao entrevistado, no momento da marcação da entrevista. Esse procedimento é importante para que o profissional esteja ciente dos termos do contrato antes mesmo de realizada a entrevista, a fim de evitar surpresas desagradáveis para ambas as partes.

Novas entrevistas

Muitas vezes, após um período da realização de uma entrevista, o pesquisador identifica lacunas importantes no depoimento coletado. Isso pode acontecer por motivos muito variados. Com o amadurecimento da pesquisa, questões que não pareciam inicialmente importantes podem se tornar essenciais para compreensão de determinadas conjunturas ou fenômenos. Com o avanço da investigação, além disso, é normal que novos temas surjam, tanto do contato com fontes empíricas quanto dos assuntos abordados nas próprias entrevistas. Nesses casos, se possível, é interessante retomar ao entrevistado para realizar uma entrevista complementar.

Em projetos que se propõem longevos, como é o caso daqueles que buscam montar acervos de depoimentos orais, é necessária a atualização periódica de algumas entrevistas, sobretudo se o depoente ainda é um profissional ativo e que acumulou novas experiências depois da realização de sua primeira entrevista. O intervalo de tempo que define a necessidade de atualização de uma entrevista pode variar de caso a caso, dependendo da relevância das atividades nas quais o depoente esteve envolvido num determinado intervalo de tempo, que deve ser arbitrado pelo pesquisador.

Pós-entrevista: usos e cuidados

Muitos podem ser os usos das entrevistas depois de gravadas. Tomando como ideal a montagem de um acervo a ser tornado público e, portanto, disponível a diferentes públicos, seguem algumas considerações.

As entrevistas podem ser gravadas em suportes muito variados: arquivos de áudio digitais, CDs, DVDs, disco óticos, chipes de memória, HD externos. Seja qual for a opção da equipe de pesquisa, é importante lembrar que os suportes apresentam diferentes graus de confiabilidade no registro de informações e tempo de vida também variável. Além disso, o arquivamento desse material deve sempre respeitar as condições de temperatura e umidade adequadas a cada um. É aconselhável fazer também um *backup* como forma de prevenção a algum tipo de problema técnico que possa danificar o material.

Os depoimentos devem ser transcritos na íntegra, revisados e editados. E esse é um trabalho penoso. É necessário checar dados e informações, como datas, nome de pessoas, lugares e instituições, valores, grafias etc. Muitas vezes, o depoente dá informações incompletas, que necessariamente precisam se contextualizadas para que a leitura do texto faça sentido. É comum também a confusão em relação a datas, fatos e pessoas. E, nesse caso, cabe ao transcritor e editor assinalar o erro, sem alterar, entretanto, o que disse o entrevistado. O uso do colchete para o acréscimo e correção de informações é um recurso bastante utilizado.

Se os depoimentos forem publicados, é preciso também adaptar a linguagem oral à escrita, eliminando expressões e vícios de fala e mudando a estrutura e a sintaxe de algumas sentenças. É importante, entretanto, o cuidado em não alterar o conteúdo do depoimento. Trata-se, portanto, de um trabalho fino, que exige sensibilidade do editor e bastante conhecimento sobre o universo que está sendo narrado.

Quando a entrevista é gravada em vídeo, é necessário fazer uma edição das imagens, uma vez que, nas condições técnicas atuais, é difícil disponibilizar a entrevista na íntegra pela Internet ou em qualquer outro meio. Uma solução, muitas vezes, é fazer pequenos vídeos com aquelas que consideramos as melhores partes da entrevista. Obviamente, a escolha de certos momentos em detrimento de outros possíveis é, em certa medida, sempre parcial e até mesmo arbitrária. Mas essas características — é bom não esquecermos — são inerentes à própria escrita acadêmica, inclusive a mais convencional. O mesmo poderia ser dito dos trechos de falas que colocamos como citações entre aspas em nossos artigos e *papers*.

A pós-entrevista também exige cuidados que dizem respeito não apenas à dimensão técnica mas também à ética. Muitas vezes, na descontração da entrevista, o entrevistado conta episódios de sua vida ou da de terceiros e faz comentários que podem comprometer sua própria imagem e a do outro. Mesmo que o projeto esteja respaldado contra qualquer ação jurídica pelo termo assinado pelo entrevistado, é preciso lembrar que estamos tratando com histórias de vida de pessoas e que o uso que dela fazemos deve ser responsável.

Há também cuidados históricos e políticos a serem tomados. Os entrevistados muitas vezes têm interesses e almejam objetivos específicos ao darem suas entrevistas em determinadas circunstâncias, seja reforçar uma determinada interpretação sobre o passado, seja realçar seu papel (e minimizar a de outros personagens) na condução dos acontecimentos. Cabe ao pesquisador ficar atento para não se deixar instrumentalizar por interesses alheios à pesquisa. Claro que o trabalho de memória realizado pelo entrevistado, independentemente da mediação do pesquisador, será sempre marcado

por enquadramentos específicos, que são constitutivos de qualquer ato mnemônico. Não é possível ingenuamente imaginar o contrário. De qualquer forma, o entrevistador não pode — como já mencionamos anteriormente — assumir uma posição meramente passiva. Seu papel é também, num certo sentido, de coartífice da memória e, nesse aspecto, também é responsável por ela.

Nesse caso, ainda outro cuidado se faz igualmente necessário: a de que a entrevista não sirva apenas para o culto da lembrança em si mesma ou para a celebração espetacularizada do passado, mas como algo que possa efetivamente funcionar como uma via de acesso a experiências pretéritas, e que possa servir de material passível de múltiplas interpretações pelos variados pesquisadores que lancem mão desse material.

Considerações finais

Por tudo o que se afirmou até aqui, é fácil entender o argumento a favor do uso da história oral nos estudos de jornalismo. Já afirmamos que os depoimentos orais de jornalistas e de outros profissionais ligados à profissão são importantes fontes para a compreensão do passado. Mas também já afirmamos que, de forma alguma, esses relatos podem ser encarados como índices absolutos da verdade histórica. Precisam ser analisados criticamente, destrinchados, como toda e qualquer fonte, aliás.

O pesquisador deve sempre considerar o trabalho de enquadramento da memória realizado pelo entrevistado e as condições de produção da própria entrevista. Não se trata de avaliar o grau de verdade ou mentira, de sinceridade ou de falsidade contido nos depoimentos. O importante é tentar entender as lógicas mobilizadas nos processos de construção dos relatos e o significado que o passado adquire para quem lembra. É essencial também levar em conta que os depoimentos têm validade na medida em que, confrontados uns com os outros, remetam para a multiplicidade da experiência do real.

O pesquisador, ao usar a história oral, deve estar atento para uma série de riscos em que ele pode cair se não ancorar sua metodologia numa sólida reflexão teórica sobre a tensa e problemática relação entre memória e história¹². Um dos principais riscos está na

¹² Existe uma fartíssima bibliografia sobre o assunto. Vide Fentress e Wickham (1992); Halbwachs (1990); Le Goff (1992); Lowenthal (1998); Namer (1987); Nora (1984); Pollak (1989); Ricouer (2007); e Todorov (1995).

utilização de uma perspectiva memorialista. O pesquisador deve estar atento para não se deixar levar pelo tom de muitos relatos dos jornalistas que, baseados numa certa cultura corporativa, tendem a valorizar os fatos ou as curiosidades da profissão, acionando o passado, muitas vezes, de forma celebratória e mesmo anedótica.

Grande parte das narrativas sobre a história do jornalismo produzidas por jornalistas se centra na ação individual de personagens considerados protagonistas. A noção que está subentendida na maior parte desses relatos é a de que a história é resultado da atuação singular de certos atores sociais. As dinâmicas e os processos institucionais e macrossociais são negligenciados em favor da centralidade no individual. Mas o pesquisador, ao produzir e utilizar esses relatos como fonte, não deve perder de vista a dimensão problemática e processual da história. As experiências dos indivíduos devem ser pensadas na sua singularidade subjetiva, mas também nas suas relações com dimensões mais amplas que as transcendem. É fundamental que as práticas jornalísticas não sejam tomadas como já dadas, mas como construídas por jornalistas que, assim como outros agentes históricos, vivem imersos em aparatos tecnológicos, convivem com formas de se autorrepresentar e com valores com os quais buscam dar sentido a sua profissão, sempre num campo marcado por lutas e disputas.

Referências

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1989.

_____. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1990.

_____. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CANDAU, Joel. *Memoire et identité*. Paris: PUF, 1998.

COLOMBO, Fausto. *Arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo; Edusp, 2009.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória social*. Lisboa: Teorema, 1992

FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FERREIRA, Marieta; FERNANDES, Tania; ALBERTI, Verena. (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/FGV, 2000.

GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LEJEUNE, Philippe. O guarda-memória. *Estudos Históricos. Indivíduo, biografia, história*. Rio de Janeiro, v. 10, n.19, 1997, p.111-119.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto Historia*. São Paulo, n. 17, nov. 1998.

MORAES, Marieta de (org.). *História oral e multidisciplinariedade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

NAMER, Gerard. *Mémoire et société*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1987.

NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. *Entretenimento, felicidade e memória: forças moventes do contemporâneo*. Guararema, SP: Anadarco, 2012.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lúcia (orgs.). *Mídia e memória*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; LERNER, Kátia. Memória e identidade nos relatos biográficos. In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs.). *Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contexto de alta visibilidade*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.

ROUCHOU, Jöelle. *Ouvir o outro: entrevista na história oral e no jornalismo*. Trabalho apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. BH/MG, set. 2003.

RICOUER, Paul. *Memória, história e esquecimento*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2007.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. Os media e a construção do biográfico – a morte em cena. In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs). *Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contexto de alta visibilidade*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guianda subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras ; Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.

SIBILIA, Paula. *O show do eu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *Les abus de la mémoire*. Paris: Arléa, 1995.